QUEREMOS O BRASIL COMO UM GRANDE POMAR DO MUNDO

LUIZ ROBERTO BARCELOS

Sócio-fundador e diretor da Agrícola Famosa e diretor institucional da Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frutas e Derivados (Abrafrutas)

Da Redação

COM UMA exposição esclarecedora, a conversa desta entrevista converge sobre a necessidade de mobilização para alavancar o Plano Nacional de Desenvolvimento da Fruticultura (PNDF). Empresário bem-sucedido e focado em explorar o cultivo e a comercializaçao de melão dentro e fora do Brasil, Luiz Roberto Barcelos atua, também, nas funções de diretor institucional da Abrafrutas e presidente da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Fruticultura do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Há muito espaço para o crescimento da produção de frutas, seja em sentido horizontal, com expansão de área, seja em sentido vertical, via aumento de produtividade. Exemplos existem de países que conseguiram montar políticas competentes de estado para produzir e exportar frutas de forma sustentável.

AGROANALYSIS: O QUE É A EMPRESA AGRÍCOLA FAMOSA?

LUIZ ROBERTO BARCELOS: Fundada em 1995, a empresa Agrícola Famosa exporta produtos frutícolas, em especial melões e melancias, no município de Mossoró, no Rio Grande do Norte. Essa região está próxima da divisa dos estados do Rio Grande do Norte e do Ceará. O plantio de melão era, no começo, de 3 hectares por dia e, hoje, passa de 10 mil hectares por ano. As nossas exportações semanais para a Europa beiram 350 contêineres. Geramos mais de 8 mil empregos diretos, com carteiras de trabalho assinadas em pleno Semiárido brasileiro.

Chegamos a uma posição privilegiada no cutivo de melão, de maior exportador no Brasil e maior produtor no mundo. Em cima desses números gerais, olhamos a real transformação promovida pela fruticultura em relação à qualidade de vida das pessoas. Os sertanejos, quando têm a oportunidade de desenvolver trabalho, vestem a camisa e desempenham com competência suas funções. A empresa cresceu e alcançou esse estágio porque conta com gente muito preparada e dedicada ao trabalho no dia a dia.

PODEMOS CONSIDERAR ESSE PADRÃO COMO O NÍVEL DA NOSSA FRUTICULTURA?

LRB: Não. Infelizmente, prevalece a visão cultural de a fruta ser um produto de fundo de quintal, para consumo próprio e que serve de presente a familiares e amigos. Esparramados, os produtores concentram-se em explorar poucos produtos. Com a criação da Abrafrutas em 2014, trouxemos uma roupagem diferente. Agora, existem grandes empresas exportadoras, mas nenhuma de dimensão nacional, com pluralidade diversificada de frutas. O Vale do São Francisco cresceu e virou referência na fruticultura irrigada.

Esse perfil do produtor é diferente noutros países. Aqui, predomina a prática amadora e familiar, com pomar caseiro e de baixa produtividade. Falta padronização. Na ponta da tecnologia avançada, existem empresas com atividades desde a compra da semente, passando pela produção, até a entrega das frutas para os supermercados europeus. Esse trabalho ao longo da cadeia produtiva possibilita capturar mais valores. Na Abrafrutas, tentamos mostrar, aqui



TONY OLIVEIRA

dentro, o mercado gigantesco existente lá fora para explorarmos.

TERCEIRO PRODUTOR DE FRUTAS, O BRASIL TEM UMA BAIXA PARTICIPAÇÃO NOS MERCADOS?

LRB: De fato, no mundo, ficamos atrás apenas da China e da Índia; estamos à frente dos Estados Unidos. Apesar de produzirmos 40 milhões de toneladas de frutas por ano, exportamos menos de 3%. O melão é uma exceção, com exportação de dois terços da produção. Essa cultura começou a ser plantada no Nordeste brasileiro em meados da década de 1980, para atender a demanda da Europa quando da estação de inverno e da falta da produção local. Desde o início, os empresários olhavam o melão como um produto voltado para exportação.

Na manga, que divide a liderança nas exportações com o melão, 85% da produção permanece no Brasil. Junto a ela, exportada pelo Vale do São Francisco, aparece a uva, com valor agregado alto por contêiner (US$ 60 mil), superior ao da própria manga (US$ 35 mil) e ao da banana (US$ 10 mil). Então, nesse contexto todo, somos apenas o 23º exportador mundial de frutas. Existem muitos países com menor produção de frutas, mas na nossa frente no comércio internacional.

E AS OUTRAS FRUTAS PRODUZIDAS NO BRASIL?

LRB: Temos os mercados de frutas frescas e de frutas industrializadas, cada um com um *core business* diferente. No mercado *fresh*, 460 mil hectares são ocupados pela bananicultura. Enquanto o Equador exporta US$ 3,3 bilhões só com esse produto, exportamos menos de 5% da produção. Concentrada em estados da região Sul, a colheita de maçã ocorre em fevereiro, março e abril. Depois disso, estoca-se e se vende o ano inteiro. É uma planta adaptada a clima temperado, com testes experimentais recentes feitos pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) no Nordeste.

Há um potencial para exportar outras frutas tropicais. São os casos da aceitação externa do limão para fazer caipirinhas e do abacate por possuir boa dosagem de calorias. No abacaxi, temos uma boa produção, mas a variedade não tem aceitação externa.

Para completar, há um terceiro item de frutas: as chamadas exóticas, com destaque para o kiwi. De coloração marrom por fora e verde por dentro, peluda e de sabor azedo, a fruta é consumida no mundo inteiro. Nessa categoria, podemos incluir o cajá, o cajá-manga, o umbu e a cajarana, entre outras. Essas frutas enriquecem muito a nossa fruticultura, sendo ela bem-aceita pelos europeus quando vêm ao Brasil.

COMO VIRAMOS ESSE JOGO?

LRB: Nessa caminhada, defrontamo-nos com duas questões a serem superadas. A primeira delas é a falta de empresários com a mentalidade de enxergar as oportunidades para exportar. A grande quantidade de consumidores internos oferece mais atração. Em outros países, como Chile, Peru e Costa Rica, a realidade difere, com o mercado interno pequeno e a necessidade de vender no exterior. Muito grande, o tamanho do nosso consumo absorve uma grande produção. De um modo geral, o produtor possui uma excelência profissional da porteira para dentro em todos os setores, porém quem exporta são os *traders* internacionais.

Já a segunda questão envolve os governos dos países. Como oferece riscos para disseminar doenças, o cultivo de frutas cumpre com rigor a análise das pragas e o estabelecimento de protocolos. Então, surgem as barreiras comerciais disfarçadas de sanitárias, sempre alvo das negociações diplomáticas, que exigem técnicos preparados. Na legislação sanitária, as regras variam entre os países. Por isso, precisamos estabelecer normas flexíveis para acessarmos mais mercados. Cerca de 80% das nossas frutas vão para a Europa, porque as pragas vieram de lá para cá, enquanto outros países colocam restrições com frequência.

QUAL É O PAPEL DA CÂMARA SETORIAL DA FRUTICULTURA DO MAPA?

LRB: A Câmara Setorial possibilita essa interlocução junto aos poderes públicos. Ela possui uma estrutura bem montada, com 32 membros da cadeia produtiva, incluindo a produção, o transporte, a logística e a distribuição e sendo presidida por um produtor de frutas. Estamos na sua presidência há seis anos. Recentemente, levamos o exemplo do Peru, cuja exportação de frutas passou de US$ 100 milhões para US$ 2,6 bilhões a partir de 2000 até agora, enquanto o Brasil cresceu de US$ 500 milhões para US$ 900 milhões.

Visitamos e tivemos conhecimento sobre o plano de estado para a fruticultura desenvolvido pela Câmara Setorial da Fruticultura no MAPA. Debatemos dez itens* e envolvemos o MAPA e, também, os Ministérios das Relações Exteriores (MRE), da Saúde (MS) e do Meio Ambiente (MMA), a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Esperamos colher bons frutos no futuro.

COMO ESTÁ O DESENVOLVIMENTO DA TECNOLOGIA NO NORDESTE?

LRB: Com várias sedes nessa região, a Embrapa melhora a tecnologia mediante a introdução de novas variedades genéticas de plantas. No entanto, esbarramos com a questão da analogia de pragas. Para trazermos de fora uma

fruta mais produtiva, saborosa e de tamanho adequado, cabe uma análise prévia com relação à sanidade. Como esse processo leva mais de cinco anos, não se acompanha o ritmo da modernização tecnológica, que avançou muito nos últimos anos.

Na tecnologia, enquanto a fertirrigação permite que a planta receba a nutrição diária de ingredientes junto à água, o manejo integrado envolve o *mix* entre o controle biológico e o químico para combater as espécies predadoras. Na mecanização pós-colheita, as práticas de manuseio ajudam a alongar o ciclo de vida perecível dos produtos. Para completar, um tema sensível na região semiárida do Nordeste: a água para irrigação deve ser explorada com controle via gotejamento apenas na raiz, sem exaurir o aquífero.

A IRRIGAÇÃO É UM TEMA SENSÍVEL?

LRB: Sim. Na nossa região, para evitarmos a evapotranspiração, de 2 mil milímetros por ano, utilizamos o plástico e mantemos o índice pluviométrico médio anual em torno de 600 mil litros. Como são arenosos e com muitas cavernas de calcário, a água percorre de forma rápida os solos. Antes de começar a safra, fazemos e acompanhamos as medições nos níveis estáticos e a salinidade das águas nos poços. Independentemente do tamanho, a represa está sujeita a essa perda. Isso não ocorre nos aquíferos subterrâneos, com recomposiçao mais rápida nos períodos de chuva.

AS COOPERATIVAS PODEM EXPANDIR A FRUTICULTURA?

LRB: Na Abrafrutas, não temos um trabalho específico voltado para as cooperativas. Há um departamento técnico para atender empresas interessadas em acessar o mercado externo. Por meio de um convênio com a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil), participamos de feiras internacionais. Em um resente evento em Dubai (nos Emirados Árabes Unidos), visitamos e encontramos um supermercado com a oferta do melão. No norte do Paraná, temos a Cooperativa Agroindustrial de Carlópolis (COAC), com exportação de goiaba para a Europa, um negócio pequeno e específico importante para o pequeno produtor.

Na Europa, por exemplo, no caso da Espanha, só há cooperativas. Aqui no Brasil, saindo do Sul e vindo para o Nordeste, não vemos tanto essa mentalidade de organização, apesar de ser o grande caminho. A fruticultura poderá ter realmente um desenvolvimento sustentável quando aglutinar cadeias produtivas com menor tamanho. Para atender o supermercado com frutas o ano inteiro, os produtores têm de se unir por meio desse sistema. Esse é o caso, por exemplo, da cooperativa de Tomé-Açu, no estado do Pará, exportadora de goiaba e membra da Abrafrutas.

PODEMOS MIRAR NOS EXEMPLOS DE PAÍSES DA AMÉRICA?

LRB: Peru, Chile, Equador e Costa Rica desenvolveram uma fruticultura forte voltada tanto para a exportação, como para o mercado interno. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o nosso consumo *per capita* por ano de frutas está em torno de 56 quilos, enquanto a Organização Mundial da Saúde (OMS) preconiza um consumo de 120 quilos. Assim, consumimos menos da metade do recomendado.

Nos supermercados, as margens largas são justificadas pela alegação de muita perda e desperdício, enquanto as frutas de preço caro espantam o consumidor. Se baixarmos esse preço, com margem adequada, será bom, juntamente a campanhas para melhorar a saúde do consumidor.

Há um potencial grande no mercado interno e gigantesco lá fora. Então, vamos colocá-lo debaixo dos braços e ir aos Ministérios executar o PNDF, lançado em fevereiro de 2018. Além de celeiro, queremos que o Brasil seja, também, um grande pomar do mundo. No País, já temos 2,5 milhões de hectares plantados e geramos 5,0 milhões de empregos diretos. ■

*Os itens debatidos foram: (i) Governança da Cadeia; (ii) Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação; (iii) Sistemas de Produção; (iv) Defesa Vegetal; (v) Gestão da Qualidade; (vi) Crédito e Sistemas de Mitigação de Riscos; (vii) Legislação; (viii) Infraestrutura e Logística; (ix) Processamento e Industrialização; e (x) Marketing e Comercialização



DIVULGAÇÃO